

JORNALISMO:

Silêncios,
censuras
e potências

Cláudia Lago
Monica Martinez (orgs.)

apoio:



CAPES

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
BIBLIOTECÁRIA ELIANE LEMOS – CRB: 5866

E16

Jornalismo: silêncios, censuras e potências [recurso eletrônico] / [organizadoras] Cláudia Lago, Monica Martinez. 1. ed. – São Paulo, SP : Balão Editorial, 2017. recurso digital; 118 p.

“Trabalhos apresentados no 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (14º SBPJor) realizado na Universidade do Sul de Santa Catarina, a Unisul, em Palhoça (SC) de 9 a 11 de novembro de 2016.”

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Edition

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-63223-56- 2 (recurso eletrônico)

1. Jornalismo. 2. Jornalismo - Pesquisa. 3. Pesquisa - Metodologia. 4. Livros eletrônicos. I. Lago, Cláudia, 1964-. II. Martinez, Monica, 1966-.

CDD 070.01

0067/2017

CDU 070

UM E-BOOK FEITO DE RAÍZES, ASAS E RAZÕES

Cláudia Lago (USP)¹

Monica Martinez (Uniso)²

O Dalai Lama tem uma frase que nos parece cair bem para esta introdução. Em tradução bem pessoal, seria algo como “dê aos que lhe são caros asas para voar, raízes para voltar e razões para ficar”.

Este livro certamente integra a parte “asas para voar”, pois reúne resultados de trabalhos apresentados e realizados no âmbito do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (14º SBPJor) – extremamente importantes, mas que, por não fazerem parte dos trabalhos apresentados regularmente nas Comunicações Coordenadas ou Individuais, não fazem parte dos Anais do evento e acabam não tendo a visibilidade merecida. Uma visibilidade que, quando acionada, amplia a compreensão sobre o campo do Jornalismo, pleno de potencialidades reflexivas na mesma medida da amplitude de seu objeto.

Por conta dessa abrangência, que nos permite transbordar e nos deixar ser transbordados por outros campos, somos incessantemente convidados a testar nossas asas e voar. Basta ver os capítulos escritos pelos ganhadores da 11ª. Edição do Prêmio Agelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo (PAGF). Antes de tudo, cabe aqui uma digressão: o Prêmio AGF foi criado em 2004 pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) para valorizar, de forma individual, as contribuições relevantes para o campo da pesquisa em jornalismo.

Todo ano são montadas três comissões julgadoras, com três integrantes cada, para avaliar os trabalhos de Iniciação Científica e os Trabalhos de Conclusão de Curso, de Mestrado e de Doutorado. Quem indica a comissão julgadora é a coordenação do Prêmio, função que, em 2016, foi desempenhada por Cláudia Quadros (UFPR). Nesse ano, foi com satisfação que tivemos um número recorde

1. Presidente da SBPJor para o período de 2015-2017.

2. Professora permanente do Programa de Comunicação e Cultura da Uniso/SP, é diretora científica da SBPJor para o período de 2015-2017.

de submissões: nada menos que 14 teses inscritas na categoria Doutorado (contra 12 em 2015), 24 dissertações na categoria Mestrado (foram 17 em 2015) e 29 trabalhos na categoria TCC/IC (11 em 2015).

A entrega do Prêmio foi realizada na noite de abertura do 14º. Encontro Nacional da SBPJor, dia 9 de novembro, na Unisul, em Palhoça, Santa Catarina. Durante a premiação, Alisson Coelho, orientado pela professora Christa Berger (Unisinos), como é de praxe, só agradeceu. Pela manhã, com mediação de Josenildo Guerra, ele havia apresentado os resultados de sua pesquisa aos participantes do VI Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor). Graças a essa publicação, agora é possível saber mais sobre a dissertação “Jornalismo, sociedade e crítica – potencialidades e transformações”. Ou, como o título que ele deu a esse capítulo, sobre “Jornalismo, Sociedade e Crítica: novos caminhos”.

Na mesma manhã de 9 de novembro, outro ganhador, o agora doutor pela Fundação Oswaldo Cruz, Luiz Marcelo Robalinho Ferraz, compartilhou os resultados de um tema que é caro ao jornalismo atual. Em “Doença, uma noção (também) jornalística: estudo cartográfico do noticiário de capa do semanário de informação *Veja* (1968 -2014)”, ele estuda de forma densa e aprofundada esse paradigma definidor dos humanos contemporâneos: as patologias. Ressalte-se: não a saúde, mas as doenças, com todo seu lastro ligado ao capitalismo e ao consumo, uma tese que foi coorientada pelo professor Patrick Charaudeau, da Universidade Paris-Nord (Paris XIII). Os principais achados podem ser conferidos no capítulo “A doença como construção jornalística no noticiário da revista *Veja*”, redigido a quatro mãos com a orientadora da tese, Kátia Lerner (Fiocruz).

Este livro traz ainda o texto de Gabriel Rizzo Hoewell, agraciado com a premiação Trabalho de Conclusão de Curso/Iniciação Científica, com o texto “A narrativa multimídia no ciberjornalismo: uma análise de “Rota 66, A Confissão”, em que o autor, a partir do campo do jornalismo e do *webdesign* busca entender como a Internet pode contribuir para configurar o que pensa ser um novo formato, o ciberjornalismo. Rizzo defendeu seu trabalho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado por Ana Cláudia Gruszynski e co-orientado por Ana Rosa Bandeira.

Raízes para ficar

Em um mundo no qual a juventude é um dos valores supremos, o Prêmio AGF dedica um lugar especial à categoria Sênior, que tem por objetivo homenagear um(a) pesquisador(a) com destacada atuação na área, pelo conjunto de sua obra. De acordo com seu regulamento, qualquer associado pode sugerir personagens para essa categoria. Os nomes são avaliados e escolhidos posteriormente pelo Conselho Científico e pela Diretoria Executiva da entidade. Em 2016, a homenageada pelo trabalho de uma vida junto ao campo do Jornalismo foi Dulcília Buitoni, então professora aposentada da ECA (Escola de Comunicações e Artes) da Universidade de São Paulo, onde construiu a maior parte da sua trajetória e, desde 2017, professora permanente do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), onde continua contribuindo para o jornalismo. Na noite do dia 9, Buitoni fez um discurso memorável sobre sua trajetória acadêmica, que se funde com a criação do campo. O início, com os doutorandos sendo orientados por profissionais da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da Universidade de São Paulo. O pé no jornalismo e no ensino, até descolar das redações para lançar voo no mundo acadêmico em franco processo de configuração. “Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira”, sua tese defendida em 1980, segue sendo um dos clássicos dos estudos que mesclam gênero e jornalismo.

Muitos estudiosos de Jornalismo e Comunicação, em geral, argumentam que nosso campo é jovem. Bem, nesse meio século já há muitas pesquisas e histórias. Essa premiação e seu registro (o site da entidade traz a listagem dos ganhadores dos anos anteriores por meio do link <http://sbpjour.org.br/sbpjour/premio-agf>) fazem parte do esforço da SBPJor para preservar a memória dos estudos em jornalismo, para que as gerações futuras não percam tempo criando rodas já inventadas.

Razões para voltar

O que faz um(a) pesquisador(a) retornar, ano após ano, a uma conferência num universo de encontros às vezes efêmeros, nos quais os profissionais podem se sentir tentados a dar uma rasante para apresentar seus trabalhos e voltar, o quanto antes, para seus postos de trabalho?

Há várias razões e, certamente, uma delas é a seriedade com que os trabalhos são selecionados para estimular o diálogo. Contudo, temos absoluta confiança de que uma das mais poderosas razões para voltar envolve os afetos. O termo não é empregado, aqui, apenas na esfera dos sentimentos, embora também estejam incluídos. Mas, sobretudo, na dimensão das emoções que mobilizam, afetam e tocam, fazendo pensar não só com o intelecto, mas com o corpo inteiro.

Nesse sentido, apresentar um trabalho é muito mais do que chegar com uma fórmula pronta para resolver, com dignidade, os 15 minutos de fala. É ter abertura para entender que sempre se tratam de trabalhos em progresso, que sempre há espaço para ouvir a fala do outro e incorporar melhorias que sequer haviam sido vistas. É entender que, às vezes, esse aprimoramento não é desencadeado pela fala de um decano, mas do frescor da visão de um jovem e talentoso pesquisador. É respeitar uma visão dissonante, mesmo se não for endossá-la, simplesmente porque outros têm direito de pensar, sentir e ser diferente. É experimentar o mesmo frio na barriga que sentiu meses, anos ou décadas atrás ao se expor na frente de um grupo, pelo simples motivo de que se é o único a estar na direção diferente.

Felizmente, nos últimos anos, a vida solitária do pesquisador tem se aberto aos afetos das redes. Em inglês, esse tipo de rede é descrito como *network*, algo associado ao trabalho. Nesse âmbito, o português é imbatível. Numa mesma palavra, rede, temos tanto o trabalho, o *homo faber*, quanto o *ludens*, o que tem o corpo embalado criativamente pelo balanço da rede. É nesse suave aconchego que gestamos as quatro redes de pesquisa ligadas à SBPJor: Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec); a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami); a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoj); e a Rede de Pesquisa em Telejornalismo (Telejor).

Os capítulos escritos pelos coordenadores atuais das quatro redes são uma tentativa de registrar o seu momento fundante, seus avanços, suas paralizações, seus retrocessos, seus desafios, suas visões de futuro. Bons profissionais que são, todos foram muito elegantes em minimizar os problemas que envolvem a pesquisa coletiva em nosso campo. Com nossa forte tradição ensaística, o fato é que estamos deixando de engatinhar para dar os primeiros, mas sólidos, passos nessa área. A modéstia fez calar a dificuldade em levantar financiamento, em en-

contrar um ponto comum entre tantos interesses diferentes, em vencer as metas produtivistas contemporâneas que, não raro, resultam na questionável ciência “salame”, no qual os resultados de pesquisa são fatiados em várias publicações. Sem mencionar o desafio de simplesmente encontrar tempo para tanta atividade – em geral roubado da vida pessoal e familiar.

Mas o fato é que, apesar de tudo, as quatro redes ligadas à SBPJor têm resultados concretos para mostrar, que se expressam no número de seus participantes, na geração de conhecimento, nos inúmeros livros publicados, nas relações com outros grupos de pesquisa nacionais e internacionais, na incursão por searas ainda praticamente virgens – como a pesquisa aplicada –, entre outros. Sim, depois de 15 anos de nossa fundação, em 2004, a SBPJor orgulha-se de propiciar um espaço fértil para o diálogo e para o rufar das asas de sua comunidade. Apesar de (ou talvez por conta de) tantos obstáculos – de crises de modelo de gestão a crises políticas –, o fato é que nossos pesquisadores ainda encontram motivos para exercitar as asas e voar. É o que os textos das Redes demonstram.

Da mesma forma, o texto final do livro, “A institucionalização da Pesquisa em Jornalismo”, escrito a seis mãos por Carlos Franciscato, Rafael Grohmann e Sérgio Gadini, apresenta os caminhos da institucionalização de nosso campo, passando por fatos marcantes, como a constituição da SBPJor em 2003, e pela realização dos Seminários de Pós-Graduação em Jornalismo, que desde 2013 fazem parte também dos Encontros Nacionais da entidade. Mais do que relatar os caminhos dos Seminários, o texto fala da pesquisa em Jornalismo contextualizando-a em relação aos cursos de graduação e ao próprio desenvolvimento do campo.

Esperamos que os trabalhos reunidos neste livro deem conta da amplitude e ramificações do 14º SBPJor que, graças ao apoio e suporte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agora está disponível em formato de e-book, com livre acesso a pesquisadores interessados na área e nos temas.

Desejamos boa leitura!

Cláudia Lago e Monica Martinez
Outono de 2017